

VIAGEM AOS CÉUS
E MISTÉRIOS INEFÁVEIS

A religião de Paulo de Tarso

Coleção **ACADEMIA BÍBLICA**

Coordenação: Paulo Nogueira

- *Além da hipótese essênica: a separação dos caminhos entre Qumran e o judaísmo enóquico*, Gabriele Boccaccini
- *Antigo Testamento (O): explicado aos que conhecem pouco ou nada a respeito dele*, Jean-Louis Ska
- *Imaginação apocalíptica: uma introdução à literatura apocalíptica judaica (A)*, John J. Collins
- *Literatura judaica entre a Bíblia e a Mixná: uma introdução histórica e literária*, George W. E. Nickelsburg
- *Misticismo apocalíptico do Apóstolo Paulo (O): um novo olhar nas Cartas aos Coríntios pela perspectiva da experiência religiosa*, Jonas Machado
- *Paulo, o convertido: apostolado e apostasia de Saulo Fariseu*, Alan F. Segal
- *Psicologia histórica do Novo Testamento*, Klaus Berger
- *Revisão legal e renovação religiosa no Antigo Israel*, Bernard M. Levinson
- *Viagem aos céus e mistérios inefáveis: a religião de Paulo de Tarso*, Sebastiana Maria Silva Nogueira

VIAGEM AOS CÉUS E MISTÉRIOS INEFÁVEIS

A religião de Paulo de Tarso

Sebastiana Maria Silva Nogueira



Direção editorial: *Claudio Avelino dos Santos*

Assessoria/área bíblica: *Paulo Bazaglia*

Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*

Revisão: *Iranildo Bezerra Lopes*

Jennifer Almeida

Caio Pereira

Diagramação: *Dirlene França Nobre da Silva*

Capa: *Marcelo Campanhã*

Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nogueira, Sebastiana Maria Silva

Viagem aos céus e mistérios inefáveis: a religião de Paulo de Tarso / Sebastiana Maria Silva Nogueira. – São Paulo: Paulus, 2016. – Coleção Academia bíblica.

ISBN 978-85-349-4322-2

1. Apocalipse 2. Bíblia Hebraica 3. Experiência religiosa 4. Misticismo 5. Paulo, Apóstolo, Santo - Teologia I. Título. II. Série.

16-01549

CDD-296.712

Índices para catálogo sistemático:

1. Misticismo apocalíptico judaico 296.712

1ª edição, 2016

© PAULUS – 2016

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700 • Fax: (11) 5579-3627

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4322-2

Sumário

| | |
|--|----|
| PREFÁCIO | 13 |
| APRESENTAÇÃO | 17 |
| INTRODUÇÃO | 19 |
| I. HISTÓRIA DA “ASCENSÃO” NA ANTIGUIDADE E NA TRADIÇÃO JUDAICO-CRISTÃ | 37 |
| 1.1 A ascensão aos céus na Bíblia hebraica | 40 |
| 1.1.1 Visões e viagens celestiais nos apocalipses judaicos | 40 |
| 1.2 Ascensão celestial no Novo Testamento e na literatura pós-bíblica | 43 |
| 1.2.1 Ascensão celestial no Novo Testamento | 43 |
| 1.2.2 Ascensão celestial na literatura pós-bíblica | 45 |
| 1.3 Ascensão na literatura de <i>hekhalot</i> | 46 |
| 1.4 A ascensão de Paulo de Tarso em 2 Coríntios 12,1-10 | 49 |
| 1.4.1 Tradução de 2 Coríntios 12,1-10 | 49 |
| II. 2 CORÍNTIOS 12 E O APOCALIPTISMO JUDAICO | 51 |
| 2.1 O gênero apocalíptico | 53 |
| 2.2 Apocaliptismo como um movimento social | 55 |
| 2.3 Apocalíptica e escatologia | 57 |
| 2.4 Forma literária ou experiência religiosa? | 59 |
| 2.5 Exemplos textuais | 62 |
| 2.5.1 <i>1 Enoque</i> | 62 |
| 2.5.1.1 <i>1 Enoque</i> 14,8-25 | 65 |
| 2.5.2 <i>Testamento de Levi</i> | 70 |
| 2.5.2.1 <i>Testamento de Levi</i> 2,6-10 | 72 |
| 2.5.3 <i>3 Baruc</i> | 75 |

| | |
|--|-----|
| 2.5.3.1 3 <i>Baruc</i> 1,1-8 | 77 |
| 2.5.4 2 <i>Enoque</i> | 84 |
| 2.5.4.1 2 <i>Enoque</i> 20-21,1-5; 22,8-10 | 87 |
| 2.6 A ascensão de Paulo ao Terceiro Céu/Paraíso (2Cor 12,1-10).... | 90 |
| 2.6.1 2 Coríntios 12,1-10 | 90 |
| 2.7 Algumas considerações | 93 |
| III. 2 CORÍNTIOS 12,1-10 | |
| E O MISTICISMO JUDAICO-CRISTÃO | 97 |
| 3.1 O misticismo | 98 |
| 3.1.1 Experiência mística | 100 |
| 3.1.1.1 Experiências místicas e os estados alterados de consciência | 107 |
| 3.1.1.2 O xamanismo e os estados alterados de consciência | 109 |
| 3.1.2 O misticismo judaico-cristão | 114 |
| 3.1.2.1 Paulo e o misticismo de <i>merkavah</i> | 117 |
| 3.1.2.2 2 Coríntios 12,1-10 e o relato talmúdico de <i>Os quatro que entraram no Pardes</i> | 120 |
| 3.1.3 Análise das versões da história talmúdica. de <i>Os quatro que entraram no Pardes</i> | 122 |
| 3.1.4 2 Coríntios 12,1-10 | 124 |
| 3.1.5 <i>Os quatro que entraram no Pardes</i> e 2Cor 12,1-10 | 126 |
| 3.2 Algumas considerações | 130 |
| IV. A EXPERIÊNCIA MÍSTICA E O CÉREBRO HUMANO. CAUSA OU CORRELAÇÃO? | 133 |
| 4.1 O sistema nervoso autônomo | 134 |
| 4.1.1 O sistema simpático | 135 |
| 4.1.2 O sistema parassimpático | 135 |
| 4.2 A estrutura do cérebro | 136 |
| 4.2.1 Os hemisférios cerebrais | 137 |
| 4.2.1.1 O sistema límbico | 140 |
| 4.2.1.1.1 O hipotálamo | 142 |
| 4.2.1.1.2 O tálamo | 143 |
| 4.2.1.1.3 A amígdala | 143 |
| 4.2.1.1.4 O hipocampo | 144 |
| 4.2.2 Os lobos cerebrais | 145 |
| 4.2.2.1 Os lobos frontais | 146 |
| 4.2.2.2 Os lobos temporais | 147 |
| 4.3 Deaferentação | 148 |
| 4.4 A neurobiologia dos estados místicos | 149 |

| | |
|--|-----|
| 4.4.1 Uma análise conjunta dos modelos | 169 |
| 4.5 A experiência religiosa extática de Paulo e a neurologia humana | 177 |
| 4.6 Algumas considerações | 180 |
| V. UMA RELEITURA DE 2 CORÍNTIOS 12,1-10 EM UMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR | 183 |
| 5.1 Questões em 2 Coríntios | 183 |
| 5.1.1 2 Coríntios 10-13 – o contexto na “Apologia” | 185 |
| 5.1.2 Os oponentes de Paulo em 2 Coríntios 10-13 | 187 |
| 5.2 2 Coríntios 11,1-12,13: o “discurso do insensato” | 190 |
| 5.3 2 Coríntios 12,1-10 em uma perspectiva interdisciplinar | 197 |
| 5.4 Relendo 2 Coríntios 12,1-10 | 198 |
| 5.4.1 A narrativa da ascensão em 2 Coríntios 12,2-4 | 199 |
| 5.4.1.1 No corpo ou fora do corpo? O <i>status</i> da ascensão | 201 |
| 5.4.1.2 A ascensão: uma ou duas viagens? | 204 |
| 5.4.1.3 O Paraíso na cosmologia da apocalíptica judaica | 206 |
| 5.4.1.4 <i>E ouviu palavras inefáveis...</i> | 210 |
| 5.4.2 2 Coríntios 12,7-10. O “espinho na carne” e a suficiência de Cristo | 214 |
| 5.4.2.1 O que é o “espinho na carne?” | 214 |
| 5.4.2.2 <i>Minha graça é suficiente para ti...</i> | 221 |
| 5.4.3 O poder na fraqueza | 222 |
| 5.5 Algumas considerações | 224 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 227 |
| BIBLIOGRAFIA | 231 |

Ao Vital, com amor.

*Meus sinceros agradecimentos à FAPESP,
pelo suporte financeiro que tornou possível
esta pesquisa.*

“Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram,
nem jamais penetrou em coração humano
o que Deus tem preparado para aqueles que o amam.”
1Cor 2,9b

PREFÁCIO

Os estudos paulinos sempre tiveram um lugar de destaque nos estudos bíblicos. Isso se deve ao papel chave que Paulo de Tarso teve na história do cristianismo primitivo e nas subsequentes formulações teológicas que o evocam como origem e autoridade. Talvez possamos afirmar que a perspectiva com que um acadêmico aborda Paulo, seu pensamento, sua religiosidade e seu impacto na história no incipiente movimento cristão define sua forma de entender toda a história e a literatura do movimento. Chama a nossa atenção a diferença de abordagens: Paulo como teólogo, como rabino que promove a renovação de Israel, como missionário, como apóstolo dos gentios, como visionário apocalíptico, entre outros. Todas elas são abordagens possíveis e encontram algum tipo de respaldo nas fontes antigas. Mas nem todas têm o mesmo peso, a mesma importância. Não se trata, portanto, de uma discussão sobre que aspectos considerar e quais excluir da análise, mas da escolha da porta de entrada, aquela que, uma vez considerada na análise, determina o lugar e importância de todos os outros aspectos.

Sebastiana Nogueira, em sua obra *Viagem aos céus e mistérios inefáveis: A religião de Paulo de Tarso*, fez sua escolha, seguiu o caminho de pesquisadores como Alan Segal, Paul Ashton, Christopher Rowland, por exemplo, além de acompanhar pesquisadores brasileiros, como Jonas Machado, entre outros. Nessa perspectiva Paulo é estudado como um visionário e místico, a partir de sua experiência

religiosa de viagem aos céus, de visão do Cristo e de receber as revelações celestes. Essa perspectiva, que não consideramos exclusiva, tem suas vantagens. Ela insere Paulo de forma devida no coração do judaísmo. O judaísmo aqui não é apenas uma escolha política, mas o espaço histórico-religioso de onde se articula a própria experiência e a linguagem religiosa de Paulo e dos primeiros cristãos. Nos permite, portanto, entender Paulo a partir das correntes religiosas do judaísmo do segundo Templo.

A abordagem deste livro é interdisciplinar, com todas as vantagens e os riscos que essa empreitada traz. Ele oferece uma detalhada exegese de um dos textos paulinos que maior dificuldade traz ao intérprete: o relato de 2 Coríntios 12 sobre um homem que, no corpo ou fora do corpo, subiu ao terceiro céu e ouviu palavras inefáveis! Pode haver texto paulino mais misterioso e enigmático? Pois é a esse texto, um dos poucos relatos que Paulo dá sobre suas próprias experiências visionárias, que este livro se aplica. Trata-se ainda de um dos poucos textos, se não o único, no quadro da apocalíptica judaica e cristã primitiva, que narra uma viagem aos céus em primeira pessoa, sem o recurso da pseudepigrafia. Teríamos aqui o outro lado da moeda dos relatos apocalípticos atribuídos a profetas e homens santos do passado? Teria Paulo cometido essa “indiscrição” no contexto de sua polêmica com grupos cristãos de Corinto? A exegese textual é, no entanto, apenas uma das abordagens desse livro. Ele segue com uma análise acurada e erudita de relatos visionários e suas descrições do *self* da corporeidade do viajante no judaísmo antigo, num exercício rigoroso de história comparada das religiões. Por fim, a autora, por levar a sério a corporeidade, e por saber que não se pode na contemporaneidade considerar academicamente o *self* e o corpo sem relação com o cérebro e as redes neuronais, procede a uma descrição neurológica dos fenômenos alterados de consciência. Trata-se aqui de um exercício de neuroteologia. Cada capítulo desse trabalho é feito com rigor e em diálogo com a bibliografia mais atualizada e especializada. Mas é na composição do todo, na tensão entre os resultados de exegese, história comparada da religião e neuroteologia, no fato de

que um não pode assimilar o outro, ou dar a palavra final no debate, e no lugar de crítico que coloca o leitor, no seu papel de analista e avaliador, que repousa a interdisciplinaridade deste estudo.

Os estudos bíblicos no Brasil passaram por um processo de amadurecimento e consolidação nos últimos 20 anos. Isso é visível com a qualidade de pesquisas realizadas nos programas de pós-graduação em Ciências da Religião e Teologia. Com a publicação de obras como esta, que temos o prazer de apresentar, o resultado de todo esse esforço de pesquisa se destina ao leitor interessado de nossa sociedade. Nosso desejo é que essa obra encontre repercussão na forma de crítica e debate, que os resultados e as perspectivas metodológicas aqui apresentadas tenham impacto nos estudos paulinos produzidos no Brasil e na América Latina.

Paulo Augusto de Souza Nogueira
Fazendinha, maio de 2015

APRESENTAÇÃO

Ascensão ao céu é um tema fascinante para aqueles que estão interessados ou engajados no estudo do mundo mediterrâneo antigo. Ainda que se trate de um fenômeno desconhecido na Escritura Hebraica, até o período helenístico, tradições mais recentes confirmam que um número de heróis bíblicos realizou a façanha de deixar o domínio terreno para ascender ao céu e retornar seguro para a terra, tornando-se esta a ordem do dia na crença apocalíptica. É o apóstolo Paulo, importante líder do movimento cristão primitivo, um desses heróis, que em sua segunda carta à comunidade de Corinto nos concede um raro relato pessoal de sua experiência extática no Terceiro Céu/Paraíso, e que, apaixonadamente, se tornou o tema de minha tese de doutorado aprovada pela Universidade Metodista de São Paulo, em setembro de 2012. É o conteúdo dessa tese que gera o projeto deste livro.

INTRODUÇÃO

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Consideramos 2Cor 12,1-10 uma das passagens mais intrigantes do Novo Testamento. Trata-se de um texto de difícil compreensão expresso em uma linguagem misteriosa de “visões e revelações do Senhor” no qual “um homem em Cristo”, o próprio apóstolo, é arrebatado ao Terceiro Céu/Paraíso. Apesar de tratar-se de um relato breve, no qual Paulo mais oculta do que revela informações, o texto tem despertado interesse desde os Pais da Igreja e é de particular relevância para estudantes e pesquisadores do Novo Testamento e para qualquer pessoa interessada na história das origens cristãs.

Paulo, ao relatar sua experiência de ascensão, usa expressões como “visões e revelações do Senhor”, “arrebatado”, do grego *arpázo*, referindo-se ao tipo de ascensão que experimentou, “palavras inefáveis” que o autor afirma ter ouvido no ápice de sua experiência, além do “Terceiro Céu/Paraíso”. A viabilidade das ascensões aos céus faz do fenômeno o carro-chefe da apocalíptica judaica, uma perspectiva nova não apenas de aquisição de conhecimento, mas de experiência religiosa. Ao usar tais expressões de forte significado na literatura apocalíptica, Paulo evidencia seu débito para com essa tradição.

Influenciado por ideias apocalípticas, Paulo não apenas relata uma experiência, mas fala de algo do qual ele toma parte. Muitas publicações apocalípticas deixam de lado a prática de tais experiências extáticas. Ao declarar Paulo desprovido de influência mística, a academia tenta buscar explicações confiáveis para justificar sua teologia. Que Paulo tem em mente essas experiências, está claramente evidenciado em 2Cor 12,2-4, com indisputáveis marcas do fenômeno do êxtase. A expressão “palavras

inefáveis” conecta o apóstolo com o mundo místico do apocaliptismo. Parece impossível separar imagens e palavras usadas para interpretar a experiência em si. O “ouvir” tais palavras não se refere ao “ouvir físico”, mas a algo que faz parte de um “estado alterado de consciência”. Paulo usa um discurso tradicional para descrever tal estado.

A resistência em ver o apóstolo como um “extático” constitui uma barreira para incluir o êxtase como uma categoria importante dos estudos paulinos e uma prática pública tanto em Paulo quanto em suas comunidades. Trechos de suas cartas revelam paralelos de experiências extáticas, tais como 1Cor 14,18, em que o apóstolo revela que fala em línguas mais do que os mais exuberantes coríntios, Gl 1,12 e 2,2, compartilhando revelações, Rm 8,23, oração extática, entre outros. Parte da falta de interesse pela abordagem do êxtase nas exegeses de 2Cor 12,1-10 é a compreensão de que esse fenômeno religioso é essencialmente cultural. O tema “corpo” tem sido posto de lado nas análises do texto. A circunstância da experiência constitui um componente importante, entretanto o que parece ser ignorado é que existem elementos nas experiências extáticas que estão desvinculados da linguagem, que dizem respeito essencialmente ao corpo, e não ao contexto cultural do indivíduo.

A compreensão de “palavras inefáveis” revelada nos vs. 2-4 excede a interpretação esotérica que vincula o apóstolo à tradição mística sendo mais bem entendida como resultado de processos neurais envolvidos no êxtase religioso. De forma similar, a dúvida expressa pelo apóstolo quanto ao *status* do seu corpo durante a ascensão, “se no corpo” ou “fora do corpo”, não se limita a um recurso retórico, nem a uma inabilidade de distinguir entre as duas diferentes práticas místicas, mas a um relato do fenômeno de transe, no qual são destituídos, entre outros elementos, o espaço, a localização, o tempo e conexões sensoriais, sem os quais é impossível para Paulo, como para qualquer místico, discernir o tipo de experiência vivenciada. Dessa forma, uma tentativa de compreender, de interpretar, e mesmo de traduzir 2Cor 12,1-10 requer não apenas situar o apóstolo no contexto religioso e cultural de sua ascensão, mas colocar na exegese do texto questões que concernem a tais experiências como o estado alterado de consciência.

Reportar a elementos corporais em 2Cor 12,2-4 requer que esses versículos do relato de Paulo passem a ser proeminentes nas exegeses do texto. Aspectos neurocognitivos do êxtase podem iluminar o difícil relato de Paulo sobre sua ascensão. As pesquisas neurobiológicas dessas últimas três décadas têm dedicado esforço na busca de evidências que assegurem a existência de correlatos neurofuncionais que sustentam as experiências religiosa, mística ou espiritual. O acelerado desenvolvimento das ciências neurológicas e o surgimento do novo campo acadêmico, a neurociência espiritual ou a neuroteologia, têm contribuído para a análise e mensuração de práticas místicas que têm desafiado a ciência por sua infabilidade. Modelos científicos têm sido levantados com sucesso na investigação do tema. Constata-se que a interdisciplinaridade tem fornecido uma riqueza de informações para a interpretação do relato paulino.

Com essas informações em mente, o problema que se levanta é como tratar 2Cor 12,1-10, de maneira que possam ser abordadas questões que envolvem a conexão do apóstolo com as tradições mística e apocalíptica judaicas e, sobretudo, o caráter experimental da passagem, tão marginalizadas nas exegeses do texto. Na compreensão de que o relato de 2Cor 12,1-10 constitui um tema complexo, o qual envolve a análise não apenas das ciências da religião, mas de diferentes perspectivas científicas tais como a da filosofia, antropologia, psicologia, neurologia, psiquiatria e neurociência, a premissa deste estudo é de que só uma abordagem interdisciplinar pode responder às questões tão complexas que a passagem desafia. A análise sob o ângulo de apenas uma dessas perspectivas *per se*, por mais abrangente que seja, jamais trará uma resposta completa para a interpretação do texto.

Analisar 2Cor 12,1-10 em uma perspectiva interdisciplinar requer o exame das diferentes abordagens propostas para a análise da passagem e as fontes que são utilizadas. A busca por um método que conduza não apenas à identificação de dados relevantes obtidos em corpos literários que tenham afinidades íntimas com o texto paulino, mas que também forneça uma compreensão científica que gere um quadro convincente para a análise de 2Cor 12,1-10 parece desafiar as metodologias tão homoganeamente estruturadas. A história da

religião, associada a uma visão pluralística das ciências neurológicas, de modo especial, a neuroteologia, parece conduzir a passos seguros.

Nesta perspectiva, o estudo busca interagir o método histórico-crítico com o método exegético, conduzindo à obtenção de dados de diferentes campos científicos que se complementem, fornecendo um quadro interdisciplinar coerente, de modo a articular uma interpretação plausível do texto paulino. Adicionalmente, o uso de paralelos, isto é, uma análise comparativa de textos da tradição de ascensão celestial, que sejam contemporâneos à passagem de Paulo e que demonstrem pertencer ao mesmo gênero literário, conduz a parâmetros que ajudam a extrair, por meio da comparação, informações significativas do relato que trazem luz a elementos obtusos da passagem. Essas duas vertentes remetem a uma releitura de 2Cor 12,1-10.

Viagens celestiais, visões e revelações são bem representadas na Antiguidade e retratadas desde a mitologia mesopotâmica, e são também preservadas em tradições que posteriormente inspiraram os relatos de ascensão de reis e sábios, entre os quais se encontra a literatura enóquica, legado da apocalíptica judaica. Antes de se abordar a ascensão celestial de Paulo, um breve exame sobre o tema de ascensão ao céu encontra-se desenvolvido no capítulo 1, abrangendo os contextos greco-romano, judaico e do cristianismo primitivo. Nessa linha de tradição da ascensão do capítulo 1, 2Cor 12,1-10 é abordado com enfoque na interpretação histórico-crítica da passagem que se estende desde os Pais da Igreja até os acadêmicos contemporâneos.

O *background* de Paulo de Tarso já sugere forte conexão com as tradições judaicas do apocaliptismo e misticismo, ambas confirmadas pela linguagem e convenções do texto. Interpretar 2Cor 12,1-10 demanda uma compreensão da apocalíptica judaica, raízes às quais Paulo está bem ligado. O capítulo 2 trata da análise comparativa do texto paulino com relatos apocalípticos judaicos de ascensão do período que trazem luz à compreensão da passagem aqui tratada. Os textos escolhidos pertencem ao período que cobre o século II a.C. até o século II d.C. e satisfazem alguns pré-requisitos como: que os relatos de ascensão exibam pluralidades de céus; que o praticante

tenha vivenciado essa experiência em seu período de vida; e que também se refiram a relatos que possuam, preferencialmente, versões preservadas no grego. Os textos anteriores ao de Paulo são *1 Enoque* e *Testamento de Levi*, e os posteriores, *3 Baruc* e *2 Enoque*. A análise em conjunto de tais relatos de ascensão comprova o comprometimento do apóstolo com as tradições apocalípticas judaicas.

O capítulo 3 introduz a experiência religiosa extática como parte importante da vida e missão do apóstolo. Embora as abordagens desse tema sejam marginalizadas por parte da academia bíblica, é impossível assegurar que trechos de 2Cor 12,1-10 e de outras passagens das cartas paulinas não possuam uma natureza mística. Sabe-se que no núcleo do misticismo destaca-se um tipo particular de estados alterados de consciência, muitas vezes denominado como “experiência mística”. No conteúdo do capítulo, a abordagem gira em torno da experiência extática apresentada tanto nas perspectivas filosófica, antropológica e cultural, quanto na sua conexão com o fenômeno do transe. Discute-se também o envolvimento do apóstolo com o misticismo judaico de *merkavah*,¹ e hipóteses que defendem ser a história talmúdica “Os quatro que entraram no Pardes” o *background* do relato paulino de 2Cor 12,1-10.

A integração das ciências da religião com a neurociência permite construir um quadro dentro do qual a experiência religiosa extática do apóstolo Paulo pode ser compreendida. A inabilidade de o apóstolo perceber se sua experiência foi no corpo ou fora dele remete ao fenômeno do transe. Nesse contexto, no capítulo 4 é abordada a compreensão neurológica do êxtase. A neurociência tem mostrado que a neurologia da experiência extática fornece um quadro convincente para se compreender aspectos obtusos de 2Cor 12,1-10, tal como a dúvida de Paulo quanto ao *status* do seu corpo durante a ascensão. Três modelos neurológicos foram abordados. A discussão gira em torno da questão se experiências religiosas causam atividade cerebral ou a atividade cerebral causa experiências religiosas. As hipóteses se estendem desde o considerar as experiências místicas como

1 Designado como Trono Carruagem de Deus, é a forma como os judeus da Antiguidade interpretavam a estranha visão descrita no livro de Ezequiel.

patológicas até vê-las como evidência da inadequação do ponto de vista do mundo científico. Partindo do princípio de que nenhuma ciência em si, sozinha, pode promover uma interpretação acurada do texto paulino, uma interação da área neurológica com as ciências da religião em uma abordagem interdisciplinar constitui uma oportunidade ímpar para a teologia e áreas afins, possibilitando um quadro mais seguro para a análise de textos, como os de 2Cor 12,1-10, do que os oferecidos por outras leituras convencionais.

Finalmente, no capítulo 5, é feita uma releitura de 2Cor 12,1-10 com base nas informações adquiridas nos anteriores, uma interpretação interdisciplinar do texto. A necessidade dessa abordagem foi o enfoque da hipótese deste trabalho. Trata-se de um momento conclusivo que relata como Paulo, em um discurso aos oponentes, revela sua experiência de ascensão ao reino celestial, o que evidencia a presença dessas práticas no judaísmo do primeiro século. O apóstolo mostra-se um devedor das heranças judaicas do apocaliptismo e misticismo ao qual está arraigado. No entanto, apesar dessas tradições fornecerem um amplo contexto onde sua experiência ocorre, elas falham omitindo em suas análises o caráter experimental de tais práticas. Isso pode ser exemplificado na dúvida de Paulo quanto ao *status* do seu corpo durante a ascensão, o que remete à necessidade de uma leitura neurológica do texto.

A passagem de 2Cor 12,1-10 é a fonte primária deste estudo. Entretanto, a análise de aspectos do texto como “Terceiro Céu”, “no corpo ou fora do corpo”, entre outros, não encontram paralelos próximos em outros textos das cartas de Paulo, o que impossibilita uma análise conjunta desses textos. Por essa razão, paralelos foram buscados na literatura extrabíblica, como é visto na descrição do capítulo 2. A decisão de não usar o livro canônico Atos dos Apóstolos se dá não apenas pelo fato de tratar-se de uma fonte secundária, mas também por não apresentar contribuições à compreensão de 2Cor 12,1-10, seja em questão de método, seja no propósito da experiência.

Um conceito importante atribuído no texto é a noção de “neuroteologia”. Na verdade, é um termo bastante desconfortável por uma variedade de razões, entre elas a polêmica conceitual que classifica a teologia

e as ciências da religião como uma nova subdisciplina das neurociências. Embora seja reconhecido que muito desse aspecto controverso se deve à falta de clareza sobre o que é a neuroteologia e o seu campo de domínio, o uso do termo continua nas literaturas recentes como a intersecção entre cérebro e religião, daí sua utilização no título deste livro. Por um lado, a neuroteologia desafia suposições teológicas, especialmente no que se refere à alma e à experiência religiosa; por outro, ela oferece recursos sem paralelos para o estudo das crenças e atividades religiosas, como também provê tanto o apoio científico para afirmações teológicas quanto os recursos criativos ao seu desenvolvimento. Gosto muito da sugestão de Brandt, Clément e Manning (2010) de que a integração das ciências da religião e neurociência deve ser em uma perspectiva pluralística e interdisciplinar e não construindo uma subdisciplina “neuroteologia”, uma vez que os sistemas religiosos assumem forma, não somente em uma interpretação subjetiva do cérebro, mas também através da interação entre o cérebro do indivíduo e a atividade mental, e das elaborações baseadas no complexo cultural do sistema simbólico.

2CORÍNTIOS 12,1-10 — O ESTADO DA QUESTÃO

A ascensão do apóstolo Paulo relatada em 2Cor 12 desperta interesse desde o período dos Pais da Igreja como uma revelação altamente privilegiada. Seus interesses no texto, entretanto, tinham uso didático, focados mais no significado da linguagem usada, tais como “palavras que não podiam ser ditas”, do que em questões polêmicas como a identificação dos oponentes do apóstolo, sua experiência religiosa extática, o caráter místico do texto, a cosmologia e usos retóricos da passagem. Nas citações desses Pais sobressaía a sustentação do argumento da inefabilidade de Deus e os reinos celestiais: “Clemente de Alexandria, (*Miscelânea* 5.79.1), mais tarde assumido por outros como Eusebio (*História da Igreja* 5.24.4), Atanásio (*Apologia contra os arianos* 3.47), e Agostinho (*Homilies on the New Testament* iii.52.B.xi)”. De acordo com Bray (2006), comentando a expressão “inefável”, Gregório de Nazianzo (*Theological Oration* 28) adverte que, uma vez que essas revelações não

podem ser comunicadas, deve-se tributá-la ao silêncio procurando focar nas palavras do apóstolo “em parte conhecemos, em parte profetizamos”. O autor relata que Crisóstomo (*Homilias sobre as cartas de Paulo aos coríntios*), ao mencionar sobre o “espinho na carne”, diz que Deus não vai permitir a pregação do Evangelho sem que os pensamentos de orgulho sejam testados. Assim, Paulo foi testado pelos oponentes, que são os mensageiros de Satanás. Irineu (*Contra as Heresias* 2.30.7-8 usou a passagem para condenar aqueles que tinham reivindicado ascender acima dos reinos do Criador, aos mistérios.

Para Bray (2006, p. 300-301), na interpretação de Tertuliano (*A Fuga na perseguição* 2.7.), Paulo diz que foi dado a ele um espinho, um mensageiro de Satanás, para esbofeteá-lo, e ainda que esse tipo de coisa não seja permitida para a humilhação dos homens santos através do tormento da carne, a não ser que isto seja feito, suas forças para resistir podem ser aperfeiçoadas na fraqueza e, finalmente, Cipriano (*De Mortalitate* 13), comentando a frase paulina de que “o poder é aperfeiçoado na fraqueza”, afirma que, “quando algumas enfermidades, fraquezas e desolação nos atacam, é porque o poder se aperfeiçoa, assim nossa fé é coroada, e embora tentada, ela permanece firme. [...] Essa finalmente é a diferença entre nós e os outros que não conhecem Deus, e que se queixam e murmuram na adversidade que nos prova no sofrimento” (BRAY, 2006, p. 301-302).

Já em um período mais recente surgem estudos indicando paralelos entre 2Cor 12,1-10 e outros textos. Nessa perspectiva, surgem as obras de Bengel (1742 *apud* GOODER, 2006), tentando identificar os três céus em um modelo de cosmologia judaica; de Semler (1770 *apud* GOODER, 2006), que desenvolveu um interesse por pluralidades de céus, fazendo comparações com o *Testamento de Levi*. Desse modo, paralelos externos ao corpo judaico foram sendo buscados, como algum tipo de *background* oriental-helenístico, despontando no notável artigo de Bousset (1901 *apud* GOODER, 2006), cujo objetivo era descrever a tradição e origem do tema “ascensão ao céu”. Para tanto, foram examinados pelo autor textos iranianos, de Mitra, babilônicos, como também judaicos, gnósticos e cristãos. Nessa

busca, foi incorporado o texto de 2Cor 12, somente atendendo à compreensão de tradição e origem.

Reitzenstein (1978) considera Paulo como um seguidor de uma religião de mistério gnóstica helenística. Em sua obra, *Hellenistic Mystery Religions*, argumenta que Paulo, em seu ministério, teve fortes influências do gnosticismo helenístico e considera a expressão “um homem em Cristo”, citada em 2Cor 12,2, como uma referência ao dualismo, duas pessoas em uma só, evidência que sustenta sua teoria. Para o autor, a teologia paulina foi influenciada por *gnosis* como fonte de revelação celestial que pode garantir conhecimento e autoridade. Embora faça referência a trechos da passagem paulina, seu tratamento é superficial, pois seu foco está nas várias formas de religião helenística. Um argumento similar ao de Reitzenstein é apresentado por Dietrich (1923) e Schmithals (1971), segundo Gooder (2006).

Mais recentemente, a obra de Tabor (1986) expandiu esse tipo de abordagem, buscando paralelos que, de alguma forma, interpretem a passagem paulina de 2Cor 12,1-10. Sua intenção não é nem explicar o *background* do texto paulino, nem provar sua singularidade, mas, através de uma investigação sobre o tema de viagens celestiais em diferentes textos do período helenístico, sondar se e de que forma estes materiais explicitam o texto paulino da ascensão do apóstolo ao Paraíso, e avaliar a significância dessa ascensão para a sua mensagem e compreensão de sua autoridade apostólica e missão. Tabor está convencido de que a ascensão ao céu é uma expressão característica da piedade helenística, e, dessa forma, está relacionada a um vasto conjunto de percepções compartilhadas. Seu interesse em certas similaridades estruturais e diferenças discerníveis nos textos que contêm a ideia de viagens celestiais é munir-se de respostas a questões que poderiam passar despercebidas na análise da passagem.

Investigando o tema de viagem celestial em uma vasta literatura – a Bíblia hebraica, a literatura do Segundo Templo, textos judaicos, judaico-cristãos e cristãos, a literatura pseudepigráfica, a literatura de *Hekhalot*, os Manuscritos do Mar Morto, textos mesopotâmicos, a *Teogonia* de Hesíodo, a *República* de Cícero, *O Sonho de Cipião*, *Poimandres*, *Corpus Hermeticum*, o *Mito de Er* de Platão, textos acadianos,

Adapa, Etana, o *Livro dos Sonhos assírio*, *Icaromenippus*, de Luciano de Samósata, *Prooemium* de Parmênides, *Metamorfose* de Apuleio, e *Liturgia de Mitra*, entre outros – Tabor (1986) classificou quatro tipos de ascensão: 1. Ascensão como invasão do céu; 2. Ascensão para receber revelação; 3. Ascensão para imortalidade celestial; e 4. Ascensão como uma antecipação do mundo celestial. As duas primeiras categorias, como foram vistas, são representações do período “arcaico”, enquanto as duas últimas são tipicamente helenísticas.

A primeira categoria abordada pelo autor é “Ascensão como uma invasão ao céu”. A cosmologia típica da Bíblia hebraica domina o tema. O ser humano mortal pertence à terra, não aos céus, e na morte desce às profundezas do mundo, conhecidas como *sheol*. Não há volta da morte, não há ideia ou expectativa de que humanos possam ir ao céu, o lugar reservado para Deus e os seus assistentes angélicos. Qualquer informação de um ser humano ascendendo aos céus seria vista não somente como extraordinário, mas como uma invasão ao reino divino. Um exemplo antigo que ilustra essa categoria é o do sábio Adapa, o de Etana, rei de Kish, como também de Icaromenipo, de Luciano de Samósata.

A segunda categoria é “ascensão para receber revelação”. Este tipo de ascensão estabelecido pelo autor envolve uma “viagem de ida e volta” da terra para o céu e de volta para a terra. Encaixa-se nesta classe a experiência visionária da corte celestial (ascensão/descida). Em contraste com o tipo anterior, a viagem ou experiência é avaliada muito positivamente. A ascensão caracteriza-se como uma “visita”, quando o selecionado é favorecido com a ascensão, mas é um mortal e deve retornar a terra à qual ele pertence. Ideias do antigo Oriente Próximo sobre entronização real parecem ser relatadas dentro deste tipo de ascensão. O complexo de tradições literárias que rodeiam a ascensão de Moisés ao Monte Sinai, encontrado em Êxodo 24, embora não explicitamente referindo-se a uma viagem aos céus, está de forma próxima relacionado com esta categoria. O chamado profético de Isaías é um exemplo adicional deste mesmo padrão (Is 6,1-13). Ainda que não exista nenhuma referência a Isaías sendo “tomado”, trata-se de uma “ascensão visionária”, embora a distinção entre os dois tipos não seja sempre clara. Essa compreensão

de ascensão domina uma das mais antigas seções de *1 Enoque*, o *Livro dos Vigilantes* (caps. 1-36). A figura legendária de Enoque é tomada para o reino celestial e lhe são mostrados os segredos cósmicos. A versão grega do *Testamento de Levi* faz uso do tema da ascensão de uma forma similar, como também o fazem *A vida de Adão e Eva*, versão latina, e o *Apocalipse de Abraão*. Em cada um destes textos, a ascensão aos céus funciona como um veículo de revelação, oferecendo autoridade divina para as doutrinas cosmológica e escatológica, expostas pelos autores.

A terceira categoria abordada por Tabor é “Ascensão à vida celestial imortal”. Este é o tipo de ascensão final ao céu. Um mortal obtém imortalidade ou se liberta das condições de mortal através de uma ascensão permanente para o reino celestial. Cada vez mais alguém encontra a ideia de que humanos realmente pertencem ao céu, com a vida na terra em contexto temporário. A noção dualística de um corpo mortal e uma alma imortal que leva à busca de um *escape* da morte pelo retorno ao céu, ao verdadeiro homem, isto é, a alma, floresceu no período do império romano com o contexto de uma nova cosmologia. O “Sonho de Cipião”, na *República* de Cícero, tipifica esta ideia de ascensão para a alma na morte. Os únicos candidatos para tal imortalização na Bíblia hebraica são Enoque e Elias, embora os textos referentes a eles sejam ambíguos. O Novo Testamento reflete essa perspectiva helenística na qual os mortais podem obter imortalidade celestial. Mt 13,43, refletindo a linguagem e a influência de Daniel, afirma que “os justos brilharão como o sol no reino de seu Pai”. A vida eterna é prometida para os justos em todo o corpo do Novo Testamento (Mc 9,42-48; Q[Mt 10,32-33; Lc 12,8]; Mt 25,46; At 13,48; Jo 3,16; 14,1-3; Rm 6,23; Cl 3,1-4; 1Tm 1,16; Hb 12,22-23; Tg 1,12; 1Pd 1,4; 2Pd 1,4; 1Jo 5,11; Jd 21; Ap 20). Em muitos casos isto envolve ascensão aos céus e vida diante do trono de Deus (1Ts 4,13-18; Ap 7,9-17). A ascensão de Jesus ao céu é um paradigma para todos os justos mortais que o seguem. Assim como Ele foi ressuscitado dos mortos, feito imortal, e ascendeu ao Pai, os seus seguidores experimentarão o mesmo em sua volta (Jo 14,1-3; 1Cor 15,20-28; Rm 8,29-30).

Por fim, a quarta categoria abordada por Tabor intitula-se: “Ascensão como uma antecipação do mundo celestial”. Este tipo de ascensão

envolve uma viagem ou “visita” ao céu que funciona como uma antecipação de uma ascensão final ou permanente à vida celestial. O exemplo mais antigo desta noção de ascensão está no apocalipse judaico *Similitudes de Enoque*, em *1 Enoque* 37-71. No capítulo 39 Enoque relata como ele foi tomado aos céus. A experiência o transforma (39,14) e lhe é prometido que mais tarde ele ascenderá ao céu permanentemente e receberá glória e vida celestial imortal, 70-71. *2 Enoque* também reflete um padrão similar. Sua viagem através dos sete céus, que durou 60 dias, relatada nos capítulos 1-20, é seguida por um retorno à terra. A experiência o transforma e funciona como uma antecipação de seu traslado final ao céu. Os cristãos mais tarde tomaram e elaboraram esta compreensão de ascensão dos modelos judaicos, em textos como *A ascensão de Isaias*.

É nesta categoria “ascensão como uma antecipação do mundo celestial” que Tabor posiciona a ascensão de Paulo, registrada em 2Cor 12. Trata-se de um exemplo extraordinário do Novo Testamento, um relato de primeira mão do apóstolo, registrando sua própria experiência de ascensão ao Terceiro Céu/Paraíso. 2Cor 12,2-4 provê a evidência para a “prática” real de ascensão ao céu nos círculos judaico-cristãos no séc. I, em contraste com a ideia de um tema puramente literário adotado para emprestar autoridade espiritual para um texto. Obviamente, a experiência de Paulo funciona como uma antecipação muito privilegiada de uma glorificação celestial, a qual ele espera no retorno de Cristo.

Nos materiais não judaicos, a mais clara informação desta última categoria apresentada por Tabor encontra-se no “Sonho de Cipião” (51 a.C.), relatado na *República* de Cícero 6.9-26. Scipio viaja para o mundo celestial e retorna com a revelação de que todos os humanos são almas imortais, aprisionados em corpos mortais, mas potencialmente destinados a uma vida celestial. Outros textos como *Poimandres*, pertencente ao *Corpus Hermeticum* (séc. II ou III d.C.) e *Metamorfoses* de Apuleio (125 d.C.), oferecem reflexão sobre o assunto.

A obra de Tabor mostra que o período helenista viu o desenvolvimento de um judaísmo profundamente formatado pelo pensamento greco-oriental, no qual elementos mágicos e místicos eram muito importantes. A conclusão à qual o autor chega é que Paulo apresenta

uma forma de salvação helenística, um esquema particular de apoteose, ou “imortalização”, com certas peculiaridades apocalípticas (TABOR, 1986). O que se observa, entretanto, é que, diante de todos esses relatos de ascensão que se estendem por um longo período, o testemunho pessoal de Paulo, e sua viagem ao Terceiro Céu/Paraíso, permanece o único relato de primeira mão de tais experiências do período do Segundo Templo.

Ainda nessa linha de buscar paralelos para explicar o texto paulino, Alan Segal também aborda a passagem de 2Cor 12 através da comparação com outros textos e tradições interpretativas (SEGAL, 1990). Seu livro, *Paul the Convert*, tornou-se uma obra-padrão no “misticismo” paulino. No segundo capítulo de sua obra, Segal afirma ousadamente que Paulo é um místico. Para ele, Paulo foi influenciado pelas várias tradições místicas judaicas e de seus predecessores que eventualmente se converteram no que é conhecido como misticismo de *merkavah*. Compreender a interpretação paulina implica compreender primeiro as características do apocaliptismo e misticismo judaicos. Defensor da ideia de que o apocaliptismo é um predecessor do misticismo de *merkavah*, Segal falha em abordar de forma superficial o assunto em sua obra.

Segal explora o tema “transformação” em apocalipses judaicas e cristãos, e usa *2 Enoque* para explicar tal fenômeno em Paulo. Como Enoque, o apóstolo afirma ter contemplado a glória, a qual ele identifica como Cristo. Paulo compreende que ele foi transformado em um estado divino, o qual será plenamente completado depois de sua morte. O autor também defende que os textos de *Hekhalot*² em si mencionam a transformação do adepto em um ser celestial, fato também presente no *Papiro Mágico* de Paris.

Para Segal, a ascensão extática como a descrita em 2Cor 12 e a metamorfose espiritual como a de 2Cor 3 são estranhas, não familiares para os sentimentos religiosos judaicos e cristãos modernos. Nem o cristianismo nem o judaísmo rabínico transmitem abertamente essas vivas tradições místicas judaicas do século I. Para o autor, nesse contexto temporal, a

2 “Palácios” ou “templos”. O corpo literário dos períodos rabínicos e pós-rabínicos dá instrução em como ascender aos palácios ou à *merkavah*, o trono-carruagem de Deus. Revelam a ascensão do místico ao santuário interior para a visualização do trono divino.

combinação do tema de ascensão e transformação, tanto dentro quanto fora do judaísmo, sugere a crença na imortalidade (SEGAL, 1990). É muito importante destacar, entretanto, que Segal não foi o primeiro acadêmico a conectar o misticismo de *merkavah* com o relato de 2Cor 12. Em 1901, Wilhelm Bousset identificou a viagem de Paulo ao Paraíso como um exemplo de *merkavah*. A partir daí muitos outros acadêmicos foram influenciados pelos argumentos de sua obra, entre eles, Gershom Scholem (1965), Bowker (1971), Gruenwald (1980) e Morray-Jones (1993).

Em sua obra, Morray-Jones concorda com Segal quanto ao fato de que o misticismo deve ocupar um lugar mais central em qualquer reconstrução das matrizes da experiência e do pensamento de Paulo. Defensor da proposta de Scholem, Morray-Jones admite que relatos Talmúdicos de *Ma'aseh Merkavah* e da literatura de *Hekhalot* preservam genuínas tradições visionárias esotéricas rabínicas que retrocedem ao século I. Baseado nesse fato, ele faz uma comparação entre o relato de 2Cor 12 e a história rabínica dos *Quatro que entraram no Pardes*, defendendo para o relato do apóstolo um *background* da tradição mística judaica. Essa interpretação é contestada por Schäfer (1984) em seu artigo que desafia os argumentos de Scholem defendidos por seu discípulo Morray-Jones.

Em seu estudo, Schäfer demonstra a principal fraqueza da “comparação” entre o relato de 2Cor 12 e a história rabínica. Ele questiona a escolha arbitrária e seletiva de um único termo, “Pardes”, do qual as conclusões são tiradas. Para Schäfer, tal interpretação carece de uma exata e sólida análise literária. Nada justifica a tese de que o misticismo de *merkavah* gere o *background* para o relato paulino. Para o autor, esse misticismo nem gera a chave, nem a interpretação para a experiência extática que Paulo reivindica ter (SCHÄFER, 1984).

Um acadêmico no Brasil que tem dirigido sua pesquisa para a pessoa do apóstolo Paulo é Jonas Machado. Em seu artigo “Paulo, o visionário – Visões e revelações extáticas como paradigmas da religião paulina”, Machado revela que falar de Paulo no âmbito do misticismo e apocaliptismo é perguntar por sua relação com ascensão celestial visionária extática, possessão espiritual e revelação de mistérios divinos, elementos típicos desse campo. Para falar de Paulo como visionário

no âmbito do misticismo judaico, o texto mais óbvio a ser considerado é 2Cor 12. Para o autor, embora se trate de um relato curto de ascensão, o texto fornece informações importantes que ajudam a entender melhor o lugar das visões no ministério paulino (MACHADO, 2005). Em sua tese de doutorado, Machado (2007) abordou a transformação mística na religião do apóstolo Paulo. Embora seu texto primário focalizasse a recepção do Moisés glorificado em 2Cor 3, o autor reconhece que toda a correspondência coríntia, especialmente 2Cor, reúne elementos que sinalizam crenças e experiências paulinas típicas da apocalíptica e misticismo judaico como: viagem celestial, revelação de mistérios divinos e transformação. Se por um lado 2Cor 12 é semelhante às narrativas de ascensão celestial encontradas nos pseudepígrafos, para o autor, esse texto está próximo dos textos místicos que pressupõem um culto celestial e transformação.

Uma obra que examina a passagem de 2Cor 12,1-10 com detalhes é a publicada em 2006 por Paula Gooder. O livro intitulado *Only the Third Heaven? 2 Corinthians 12,1-10 and Heavenly Ascent* apresenta um estudo também envolvendo uma comparação de textos, no entanto com um passo mais adiante. Considerando a conexão entre 2Cor 12 e textos de ascensão celestial, a autora propõe reavaliar a extensão dessa conexão com essa tradição, pontuando, particularmente, as diferenças entre 2Cor 12 e as outras passagens de ascensão. O método de abordagem escolhido foi o que examina texto por texto, produzindo no final uma conclusão geral sobre o gênero. Esses textos foram encaixados em seis categorias: 1. textos judaicos pré-70 d.C.; 2. textos pós-70 d.C.; 3. textos do Novo Testamento; 4. textos cristãos pós-bíblicos; 5. textos de Nag Hammadi; 6. Literatura de *Hekhalot*.

O critério para a escolha dos textos exigia pré-requisitos: deveriam tratar de uma descrição de ascensão ao céu de figuras durante seus períodos de vida e deveriam também revelar uma multiplicidade de céus. As obras mais enfatizadas foram: *1 Enoque* 14 (pré-70 judaico); *Enoque eslavo* (pós-70); *Apocalipse de João* (Novo Testamento); *Ascensão de Isaías* (cristão pós-bíblico); o *Apocalipse copta de Paulo* (*Nag Hammadi*) e *Sepher Hekhalot*, *3 Enoque* (literatura de *Hekhalot*). Três sumários de obras foram

discutidos: *Testamento de Levi* (pré-70 judaico); *3 Baruc* (pós-70 judaico) e *Hekhalot Rabbati* (literatura de *Hekhalot*), como exemplos adicionais de gênero, além do sumário do exame de *4QShirShabb* e *4QBerkhot* como descrições do mundo celestial e *merkavah* (GOODER, 2006).

Para Gooder, a análise dos textos examinados revelou que, diferentemente de 2Cor 12, os outros textos apresentavam certas similaridades, como, por exemplo, o propósito da ascensão, a visão do trono e de um anjo-guia, a pluralidade de céus e seus conteúdos, a descrição da ascensão em primeira pessoa em nome de um herói bíblico do passado. A única similaridade compartilhada por 2Cor12 e os outros textos estudados era a ascensão ao Terceiro Céu, que na concepção da autora representava uma analogia bastante superficial. Entretanto, 2Cor 12 apresenta certas características que são omitidas nos outros textos. Por exemplo, Paulo fornece a data da ascensão e expressa dúvida quanto ao *status* do seu corpo durante a experiência, entretanto, ao citar o Terceiro Céu e o Paraíso, não informa como isso se encaixa em sua cosmologia. Há referência de terceira pessoa em parte significativa do relato e não é utilizado o recurso da pseudonímia. Como em outras narrativas de ascensão, ele recebe revelação do Senhor, mas declara que não está apto a divulgá-la.

Diferentemente da abordagem dessa pesquisa, a análise de Gooder estabelece que a ascensão não é o propósito principal do relato do apóstolo em 2Cor 12,1-10. O texto não compartilha características que moldam um texto na tradição de ascensão. Ainda que se considerem os versículos 2-4 como um sucesso, eles carecem de marcas fundamentais dos apocalipses de viagens celestiais como: a visão do trono, a descrição dos conteúdos dos céus e o alcance e entrada no mais alto céu. Para a autora, o relato recontado no texto paulino é uma ascensão ao céu fracassada. Isso é confirmado também pelo fato de Paulo, no ápice do relato, revelar ter recebido um “espinho na carne”, o que, para Gooder, confirma o seu total fracasso na viagem.

A obra recente de Shantz (2009) trouxe uma nova abordagem para a análise de 2Cor 12 e que é de primordial importância para esta pesquisa. O maior interesse de seu livro é a experiência religiosa extática do apóstolo Paulo. O livro inicia com a premissa de que certo

conjunto de textos paulinos em que Paulo descreve situações nas quais ele considera a si mesmo como tendo contato com agentes não humanos – o espírito de Deus, o espírito de Cristo, o Espírito Santo, o espírito do Filho, entre outros – pertencem a uma ampla categoria de experiência religiosa e podem ser categorizadas como envolvendo estados alterados de consciência. Essas passagens referem-se a formas extáticas de louvor, visões, possessão de espírito e glossolalia.³ O texto abordado na pesquisa é 2Cor 12,2-4. Para Shantz, como para este estudo, o êxtase é uma característica significativa da vida de Paulo.

Shantz considera a experiência religiosa extática do apóstolo como uma coisa em si mesma, e, particularmente, como uma experiência de um estado alterado de consciência. O modelo neurológico de êxtase religioso escolhido pela autora e que também é um dos abordados nesta pesquisa foi desenvolvido pelo neurologista Eugene d'Aquili em colaboração com Andrew Newberg, construído através da produção de observações clínicas e experimentações no funcionamento do cérebro e do sistema nervoso central (SHANTZ, 2009). Os autores apresentam uma compreensão neurológica do êxtase religioso e descrevem os caminhos nos quais um conhecimento de aspectos neurocognitivos do êxtase ilumina o confuso relato de 2Cor 12,2-4.

“A ascensão celestial de Paulo de Tarso: Análise de 2Cor 12,1-10 a partir da história da religião e da neuroteologia”, tese que dá origem a este livro, aborda a passagem paulina em uma perspectiva interdisciplinar com o propósito de considerar alguns aspectos do texto de difícil interpretação através dos métodos convencionais da exegese bíblica. Um ponto fundamental é que uma única disciplina, por mais completa que seja, não pode trazer respostas que satisfaçam aos questionamentos desse tema tão complexo que é a experiência religiosa do apóstolo Paulo. Os trabalhos aqui apresentados cercam o tema por todos os lados. A pergunta que se levanta é: o que este estudo traz de novo ou de diferente?

Em primeiro lugar, trata-se de uma pesquisa inovadora no Brasil. Não consta nenhum trabalho em nossa academia que aborde esse

3 Falar em línguas.

tema em um aspecto interdisciplinar. Segundo, ainda que 2Cor 12,1-10 tenha sido objeto de pesquisas internacionais, em sua maioria, refere-se a análises temáticas do texto, ou seja, com um interesse em um aspecto único do tema, por exemplo, “o espinho na carne”, “os oponentes de Paulo”, “Terceiro Céu/Paraíso”, entre outros.

A análise de Shantz, um grande avanço no que se refere ao caráter extático da experiência de Paulo, e sua abordagem neurológica restringe sua abordagem apenas aos versículos 2-4. Por usar como fonte o modelo científico de d’Aquili e Newberg (1999), que defende a submissão da experiência mística a um fenômeno cerebral, descarta qualquer conexão do relato paulino com o fenômeno do misticismo, ideia que vai contra a linha de interpretação deste estudo. Tentando reduzir certos aspectos da experiência do apóstolo a uma atividade única do cérebro humano, a obra da autora se diferencia em seus argumentos do que é defendido neste trabalho.

O caráter interdisciplinar da análise de 2Cor 12,1-10 reconhece que a passagem do apóstolo não pode ser compreendida sem a consideração de que o judeu fariseu Paulo de Tarso tinha suas raízes religiosa e cultural arraigadas às tradições mística e apocalíptica de seu povo. Portanto, sua experiência mística foi formatada nesse *background* como pode claramente ser visto na linguagem do relato. Desconectá-lo dessas tradições torna impossível a compreensão de muitas das terminologias do seu texto. Outro aspecto dessa perspectiva pluralística de 2Cor 12,1-10 é a neurologia do êxtase, na qual esse estudo traça um caminho diferenciado da abordagem de Shantz. Não se pretende ameaçar pressupostos tradicionais teológicos e religiosos, mas o que se persegue é a apropriação dos avanços da neurociência para oferecer recursos paralelos que acrescentem entendimento aos estudos e crenças religiosos. A experiência do apóstolo Paulo relatada em 2Cor 12,1-10 não é reduzida nesta análise a estruturas e processos neuroelétricos e neuroquímicos, mas analisada conjuntamente em seu contexto social, antropológico, filosófico, apocalíptico, místico e também em um aspecto neurobiológico. Essa é a proposta que torna diferente este trabalho.